

Estrutura geral de *Os Lusíadas*

- 10 cantos que podem, em uma primeira aproximação, ser assim divididos:

Cantos I e II - A viagem de Gama entre Moçambique e Melinde

Cantos III e IV - Gama narra ao rei de Melinde a história de Portugal das origens à partida de sua armada.

Canto V - Gama narra ao rei de Melinde a viagem da armada de Portugal a Moçambique

Canto VI - Viagem até as Índias

Cantos VII, VIII e início do IX - Acontecimentos nas Índias

Cantos IX, X - A chegada da armada na Ilha dos Amores e o que lá ocorre

- Os cantos possuem número distinto de estâncias (87 a 156), cada uma delas composta por oito versos decassílabos:

As/ ar/mas/ e os/ Ba/rões/ a/ssi/na/la/dos	Em/ pe/ri/gos/ e/ gue/rras/ es/for/ça/dos
Que/, da o/ci/den/tal /prai/a /lu/si/ta/na,	Mais/ do/ que/ pro/me/ti/a a/ for/ça
hu/ma/na	
Por/ ma/res/ nun/ca /de an/tes/ na/ve/ga/dos	E en/tre/ gen/te/ re/mo/ta e/di/fi/ca/ram
Pa/ssa/ram /ain/da a/lém/ da/ Ta/pro/ba/na,	No/vo/ rei/no/, que/ tan/to
/su/bli/ma/ram;	

- Existem dois planos de ação distintos: o dos seres humanos e o dos deuses, este representado principalmente pelo confronto entre Vênus e Baco, respectivamente a favor e contra os portugueses. Os entes divinos interferem nos acontecimentos humanos.

Análise da primeira parte de *Os Lusíadas*: cantos I e II

Divisões da primeira parte

I, 1-18, 105-6: partes que não são propriamente narrativas

(Observação: o número em algarismos romanos indica o canto, os em algarismos arábicos as estâncias)

Análise da parte inicial

Modelo da narrativa épica

Proposição - É anunciado o que será narrado

Invocação - Pede ajuda às musas

Dedicatória - Indica a quem é dedicado o poema

Narração - Em *Média res*: a narrativa começa no meio da ação

Os Lusíadas

Proposição - 1-2

Encarecimento- 3

Invocação - 4-5

Dedicatória - 6-18

Narração - a partir de 19

Leia a proposição (I, 1-2)

Como podemos notar, o objeto a ser narrado não será exclusivamente a viagem de Gama, mas:

1- Todos os que, saindo da praia lusitana, sendo mais que humanos, venceram o mar e criaram um novo reino

2- Os reis que aumentaram o Império e a fé, devastando as terras dos não-cristãos

3- Os que, por obras valorosas, imortalizaram-se

Como a história de Portugal é uma constante e ininterrupta luta contra os infiéis, primeiro no

continente europeu e depois na África e na Ásia, vai ser narrada toda a história deste heroico *povo*. Assim o herói desta epopeia não é um homem específico, como na *Odisseia* e em *A Eneida*, mas o **luso**, ou melhor, os mais ilustres homens do povo português.

-Encarecimento (I,3): Mostra que o material que vai ser cantado é superior a todos os outros, sejam eles míticos (Odisseu e Enéias) ou históricos (Alexandre Magno e Trajano). Os portugueses, que venceram o mar e as guerras, são superiores a tudo o que existiu no mundo antigo.

Este procedimento, de comparar os feitos dos portugueses com os realizados pelos antigos, ou com outros que já foram antes *cantados*, sejam estes reais ou fictícios, e considerar os primeiros, os dos portugueses, como maiores e/ou melhores será recorrente em *Os Lusíadas*. Isto acontece tanto a partir de afirmações do narrador de *Os Lusíadas*, como de personagens. No primeiro caso I,11 é um exemplo, no segundo I,24, em que temos uma fala de Júpiter.

Exemplos no sentido oposto:

III,32:Teresa é pior que as piores mulheres da mitologia

IV,6:Leonor Teles, pedindo ao rei de Castela que invada Portugal, comete atrocidades piores que as realizadas pelos mais cruéis generais romanos

ø

Os inimigos de Portugal (Teresa, Leonor Teles) são ainda piores que os mais cruéis seres da antiguidade: trata-se de um engrandecimento indireto.

-Invocação(I, 4-5): Pede às ninfas do Tejo inspiração suficiente para cantar os feitos dos lusíadas. Devemos notar que existem nesta invocação alguns tópicos importantes:

- o desejo de criar uma obra que faça com que as águas do Tejo não tenham inveja às de Hipocrene, ou seja que os portugueses não tenham inveja das epopeias clássicas

- a oposição entre o canto pastoril, bucólico, e o canto épico, que se cristaliza na oposição entre a agreste avena ou fruta ruda >< a tuba canora e belicosa Sobre as diferenças entre o gênero pastoril-bucólico e o épico voltaremos mais tarde.

- A dúvida se *Tão sublime preço*, ou seja, os grandes feitos dos portugueses, *cabe em verso*. Talvez os feitos reais dos portugueses sejam tão grandes que nenhuma obra em verso possa, de fato, expressá-los. Trata-se, claramente, de um engrandecimento dos feitos portugueses.

-Dedicatória: (I,6-18)

Lembrando o que comentei na última aula: D. Sebastião nasceu em 1554, tornou-se rei 1568, quatro anos antes da publicação de *Os lusíadas*

Estrutura da dedicatória:

E vós, ó bem nascida segurança
Da lusitana antiga liberdade,

Referência ao esperado nascimento de D. Sebastião,
que assegurou a independência de Portugal.

E não menos certíssima esperança
Do aumento da pequena cristandade

O conhecimento do pequeno número de cristãos.
Associa o aumento do império português com o
aumento da cristandade

Vós, ó novo temor da maura lança
Maravilha fatal da nossa idade,
(Dada ao mundo por Deus, que todo o mande

D. Sebastião mandará em todo o mun-
do para dar a Deus uma parte grande deste
mundo.

Para do mundo a Deus dar parte grande)

Já na primeira estância da dedicatória se reafirma a junção entre o aumento do cristianismo e o Império português, que já havia aparecido na proposição (**foram dilatando / A Fé, o Império**). Isto é desenvolvido nas duas estâncias seguintes, a sétima em que os portugueses aparecem como o povo escolhido, e na oitava em que o ismaelita e o turco aparecem como os inimigos naturais dos portugueses. (leiam as duas instâncias)

Referências:

Cesária: reis da Alemanha

Cristianíssima: reis da França

Escudo: a bandeira portuguesa dada por Jesus Cristo

Na nona estância pede que o rei o escute. Já vimos a 11ª, e a 10ª é muito próxima a esta. Nas 12ª, 13ª, 14ª ele compara os feitos de portugueses aos de pessoas de outras nações (históricas ou míticas) mostrando a superioridade dos primeiros.

Na 15ª pede a D. Sebastião que de fato governe o país e volta ao tema da luta contra os infiéis, no qual se mantém até a est. 16ª. Na 17ª dá a genealogia do rei e espera que ele, como seus avós, chegue ao templo da fama.

Termina a dedicatória de novo afirmando, indiretamente, a necessidade de que D. Sebastião de fato assuma as rédeas de seu governo: **Mas enquanto este tempo passa lento / De regerdes os povos, que o desejam**

Assim, basicamente são três os temas presentes nesta dedicatória:

1. Relação entre o Império e a religião cristã
2. Confronto entre o mundo antigo/outros povos e os portugueses, mostrando sempre a superioridade destes
3. Incitamento a D. Sebastião, para que de fato assumo o governo e realize façanhas gloriosas

Destes três temas, os dois primeiros são recorrentes em *Os Lusíadas*, enquanto que o terceiro será retomado de forma explícita no final do canto X.

Conclusões sobre a parte introdutória de *Os Lusíadas*:

1- Insere o livro no modelo clássico de epopéia [Proposição, Invocação, Dedicatória, Narrativa em média res]

2- Apresenta e articula aspectos fundamentais e recorrentes da obra:

- A pregação da **guerra santa** e sua vinculação ao aumento do império português
- Os feitos portugueses como superiores a tudo que já ocorreu
- O incitamento ao rei para que **dê matéria a nunca ouvido canto**